



**A POLÍTICA DO RISO NO 2º SOL RINDO - FESTIVAL
DE PALHAÇARIA DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ:
uma entrevista com Bruna Pierami e Monique Neves da Cia As Mareadas**

THE POLITICS OF LAUGHTER AT THE 2ND SOL RINDO, A CLOWNING
FESTIVAL AT BALNEÁRIO CAMBORIÚ:
an interview with Bruna Pierami and Monique Neves from Cia As Mareadas

Lorena Maria Lopes

 <https://orcid.org/0009-0004-0015-4365>

Beatriz Costa Alvarez

 <https://orcid.org/0009-0001-1687-9123>

Maria Brígida de Miranda

 <https://orcid.org/0000-0002-0828-8585>

 doi.org/10.70446/ephemera.v9i18.8025

**A política do riso no 2º Sol Rindo - Festival de palhaçaria de Balneário Camboriú:
uma entrevista com Bruna Pierami e Monique Neves da Cia As Mareadas**

Resumo: Esta entrevista foi realizada pela pesquisadora teatral argentina Lorena Maria Lopes, no contexto de sua pesquisa de doutorado intercultural vinculada ao Programa MOVE LA America (CAPES, Brasil). A referida entrevista integra um conjunto de investigações conduzidas com mulheres brasileiras atuantes na palhaçaria e nas artes cênicas. O primeiro campo empírico da pesquisa foi o 2º Sol Rindo - Festival de Palhaçaria de Balneário Camboriú, ocorrido entre 5 e 8 de abril de 2025, promovido pela Companhia As Mareadas, em parceria com Beatriz Costa Alvarez e a Cia Ler e Viver. O festival contou com financiamento da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB), além de apoio de instituições privadas. A entrevista selecionada para esta edição da *Revista Ephemera*, cujo dossiê temático é “O Corpo Coletivo do Riso”, foi realizada com as produtoras do festival, Monique Neves e Bruna Pierami, que são atrizes, palhaças e ativistas feministas. O artigo contextualiza a trajetória do festival e o crescimento da palhaçaria feita por mulheres no Brasil, destacando redes como a Rede Catarina de Palhaças e produções acadêmicas e editoriais voltadas ao tema. A entrevista foi realizada em ambiente íntimo, pautada por uma ética feminista do cuidado e transcrita integralmente. A pesquisa de Lorena Maria Lopes concentra-se na visibilidade lésbica, compreendida como um campo de militância política inscrito na cena teatral de Balneário Camboriú, onde se destaca a atuação do coletivo de mulheres casadas e lésbicas denominado As Mareadas.

Palavras-chave: palhaçaria; feminismo; mulher; riso; comicidade; resistência LGBTQIAP+.

**The Politics of Laughter at the 2nd Sol Rindo, a clowning festival at Balneário Camboriú:
an interview with Bruna Pierami and Monique Neves from Cia As Mareadas**

Abstract: The Argentine theatre researcher Lorena Maria Lopes in the context of her intercultural PhD research linked to the MOVE LA America Program (CAPES, Brazil) conducted this interview. It is part of a broader set of investigations carried out with Brazilian women working in clowning and performing arts. The first empirical field of the research was the 2nd Sol Rindo – Festival de Palhaçaria de Balneário Camboriú, held from April 5 to 8, 2025, organized by Cia As Mareadas in partnership with Beatriz Costa Alvarez and Cia Ler e Viver. This clowning festival received funding from the National Aldir Blanc Policy (PNAB), in addition to support from private institutions. The interview selected for this issue of *Revista Ephemera*, whose thematic dossier is “The collective body of laughter,” was conducted with the festival’s producers, Monique Neves and Bruna Pierami, who are actresses, clowns, and feminist activists. The article contextualizes the trajectory of the festival and the growth of clowning performed by women in Brazil, highlighting networks such as the Rede Catarina de Palhaças and academic and editorial productions focused on the theme. The interview was conducted in an intimate setting, guided by a feminist ethics of care, and was fully transcribed. Lorena Maria Lopes’s research focuses on lesbian visibility, understood as a field of



political militancy inscribed in the theatrical scene of Balneário Camboriú, where the work of the collective of married lesbian women known as As Mareadas stands out.

Keywords: clowning; feminism; women; laughter; comedic performance; LGBTQIAP+ resistance.



1 Apresentação, por Beatriz Costa Alvarez e Maria Brígida de Miranda

A pesquisadora teatral argentina, Lorena Maria Lopes, conduziu como parte de sua investigação de doutorado em artes cênicas no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e como intercambista pelo Programa MOVE La America da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Ministério da Educação do Brasil, uma série de entrevistas com mulheres brasileiras da prática teatral e palhaçaria. O primeiro campo de pesquisa com foco no que Lorena Maria Lopes identifica como “comicidade feminista” foi o 2º Sol Rindo - Festival de Palhaçaria de Balneário Camboriú, que ocorreu de 5 a 8 de abril de 2025 em Balneário Camboriú, no estado de Santa Catarina.

O festival, dedicado à palhaçaria, é uma realização da Companhia As Mareadas em parceria com Beatriz Costa Alvarez e a Cia Ler e Viver. Após o projeto ser selecionado em edital da Fundação Municipal de Cultura de Balneário Camboriú contou com recursos financeiros da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), além de patrocinadores e apoiadores da iniciativa privada¹. Para esse volume da *Revista Ephemera* cuja temática é “O Corpo Coletivo do Riso”, selecionamos a entrevista realizada por Lorena Maria Lopes com as produtoras do festival, Monique Neves e Bruna Pierami, que são atrizes, ativistas feministas, palhaças, além de produtoras e fundadoras da Cia. As Mareadas.

O Sol Rindo - Festival de Palhaçaria de Balneário Camboriú teve sua primeira edição realizada no ano de 2018. A proposta surgiu após o encontro das artistas Bruna Pierami e Monique Neves com Beatriz Costa Alvarez, a qual participa da concepção do festival desde sua origem. É importante destacar que toda a programação do Sol Rindo - Festival de Palhaçaria de Balneário Camboriú, desde a sua primeira edição, tem o recorte de gênero com caráter feminista como sua principal característica. Como diferencial entre a primeira e segunda edição do Festival, destacamos a forma escolhida pela curadoria: na primeira edição todas as artistas foram convidadas pela equipe de curadoria composta por Pierami, Neves e Alvarez.

Para esta segunda edição foi aberto um processo de inscrição para artistas de todo país, através do qual foram recebidas 173 inscrições das quais a curadoria selecionou 9 espetáculos para compor a programação. A programação do Festival, ao longo dos 4 dias de sua realização, foi composta por: um cortejo de rua, uma festa, duas rodas de conversas (sendo a primeira da Rede Catarina de Palhaças e a segunda chamada “palhaçaria em movimento: espaços de conexão” conduzida por Beatriz Costa Alvarez), seis espetáculos de classificação indicativa livre, um cabaré de variedades de classificação indicativa adulta, um espetáculo com classificação indicativa 12 anos, uma oficina

1 Informações da divulgação do festival Sol Rindo, publicadas pela jornalista Silvana de Castro da Secretaria Municipal de Comunicação no site da Fundação Cultural de Balneário Camboriú. Ver: SOL rindo. *CulturaBC*, Balneário Camboriú, 2025. Disponível em: <https://culturaabc.com.br/eventos/sol-rindo-3/>. Acesso em: 29 maio 2025.



de palhaçaria feminista nomeada “Rir sem oprimir”, a exibição da *web* série “Palhaçaria científica mulheres na ciência” e a exposição “Riso em cores e humores” da artista visual Tita Tinta – também palhaça - que esteve em exibição durante todo o período do evento.

Esta segunda edição do Festival Sol Rindo teve como o tema “Pulverizando o riso”, caracterizando um formato descentralizado que esteve presente em diferentes espaços da cidade de Balneário Camboriú, havendo espetáculos na Praça Bruno Nitz, em escolas públicas, na Sede da Associação de Pais e Amigos do Autista - AMA, na Secretaria da Pessoa Idosa, no Teatro Bruno Nitz, além de um cortejo partindo da Praça da Cultura. Já a oficina e as rodas de conversas foram realizadas na Biblioteca Pública Machado de Assis. Desta forma, diversos bairros e diferentes espaços receberam parte da programação do festival, que atingiu um público diverso e variado.

A segunda edição do Festival Sol Rindo teve como foco a palhaçaria feminista, área das artes da cena que vem crescendo expressivamente no Brasil. Este fenômeno pode ser notado na criação, fortalecimento e proliferação de redes de artistas locais e nacionais e na produção de festivais dedicados à palhaçaria feita por mulheres. No estado de Santa Catarina, a Rede Catarina de Palhaças², há sete anos reúne mulheres palhaças que têm como território de pesquisa, atuação e luta o estado de Santa Catarina. Juntas, já realizaram uma Mostra de Palhaças, uma Residência Artística e formações na arte palhacesca – tais ações são ponto de apoio e espaço de debate sobre a palhaçaria feita por mulheres e gênero dissidentes no estado. Atualmente composta por 99 mulheres palhaças, que residem e trabalham em várias cidades do estado, as participantes da Rede Catarina vêm encontrando uma maneira autônoma e horizontal de organização.

No que tange às publicações e à divulgação dos trabalhos das palhaças brasileiras, destacamos a pioneira Revista Palhaçaria Feminina³ (com volumes publicados em 2012, 2014, 2015, 2018 e 2022), organizada por Michelle Silveira, e o livro “Somos Palhaças”⁴ (2022) da mesma autora; um vasto conteúdo acerca da palhaçaria feita por mulheres. No âmbito nacional, pode-se destacar os eventos Esse Monte de Mulher Palhaça⁵, realizado no Rio de Janeiro, o Festival Palhaças do Mundo⁶, realizado em Brasília e o Encontro Internacional de Mulheres Palhaças de São Paulo, realizado na cidade de São Paulo⁷.

2 Para acessar a rede e sua programação, consulte os canais das redes sociais: <https://www.facebook.com/redecatarinadepalhacas/> e <https://www.instagram.com/redecatarinadepalhacas/>. Acesso em: 30 maio 2025.

3 SILVA, Michelle Silveira da (org.). *Palhaçaria Feminina Magazine*, Chapecó, v. 1, n. 1, set. 2012; SILVA, Michelle Silveira da (org.). *Palhaçaria Feminina Magazine*, Chapecó, v. 2, n. 2, mar. 2014; SILVA, Michelle Silveira da (org.). *Palhaçaria Feminina Magazine*, Chapecó, v. 3, n. 3, 2015; SILVA, Michelle Silveira da (org.). *Palhaçaria Feminina Magazine*, Chapecó, v. 4, n. 4, 2018; SILVA, Michelle Silveira da (org.). *Palhaçaria Feminina Magazine*, Chapecó, v. 5, n. 5, set. 2022.

4 SILVA, Michelle Silveira. *Somos Palhaças: um registro histórico e artístico de mulheres que atuam como palhaças no Brasil*. Chapecó: [s. n.], 2022.

5 Ver: Esse monte de mulher palhaça. Rio de Janeiro: Esse monte de mulher palhaça, 2023. Disponível em: <https://www.essemontedemulherpalhaca.com.br/>. Acesso em: 30 maio 2025.

6 Ver: Circa Brasilina. E a palhaçaria o que é?. *Palhaças do mundo*, Distrito Federal, 2016. Disponível em: <https://www.palhacasdomundo.com/>. Acesso em: 30 maio 2025.

7 Ver: Teatro da Mafalda. EIMPA: Encontro Internacional de Mulheres Palhaças. Um encontro que reúne palhaças de



É necessário frisar que o movimento de mulheres palhaças no Brasil vem se estruturando há pelo menos dez anos em diálogo com os ativismos e estudos feministas, problematizando as categorias identitárias de gênero, raça-etnia e classe. No campo de estudos acadêmicos das artes da cena os movimentos e os termos “palhaçaria feminina” e “palhaçaria feminista” são descritos e discutidos em seus aspectos políticos, estéticos e trabalhistas em pesquisas acadêmicas. A tese de doutorado de Ana Carolina Müller Fuchs “O sorriso da palhaça - Pedagogias do riso e do risível” (2020)⁸ e a tese de doutorado de Daiani Cezimbra Severo Rossini Brum, “Reflexões Feministas sobre a palhaçaria com ênfase no contexto hospitalar” (2021)⁹ são pioneiras no mapeamento do fenômeno da palhaçaria feminina com o viés feminista. Já a obra “Palhaças na Universidade: pesquisas sobre a palhaçaria feita por mulheres e as práticas feministas em âmbitos acadêmicos, artísticos e sociais” (2021)¹⁰, organizada pelas doutoras Ana Wuo, professora da Universidade de Uberlândia (UFU), e Daiani Brum, na época pós-doutoranda na UFU, é a primeira coletânea publicada no Brasil que se propõe a reunir as mulheres palhaças que pesquisam este campo nas universidades brasileiras.

Curioso observar que a proposta do livro, segundo Wuo e Brum (2021), surgiu dentro da rede nacional de mulheres palhaças que se reuniu no Festival Internacional de Comichade Feminina ocorrido no Rio de Janeiro em 2018 e promovido pela longa e combativa companhia de palhaças As Marias da Graça. O volume 1 do livro “Palhaças na Universidade” estrutura-se em 18 artigos de pesquisadoras que exercem a arte da palhaçaria em diferentes contextos tanto no Brasil como no exterior. Além de ser a primeira coletânea que investe na discussão de gênero na prática da palhaçaria, observamos reflexões feministas interseccionais, nas quais a questão de gênero é profundamente atravessada pelas experiências de raça e classe.

Por exemplo, a experiência negra é o foco do texto de Adriana Patrícia dos Santos (Drica Santos), enquanto o artigo de Andréa Bentes Flores reflete sobre a experiência de ser uma mulher palhaça amazônida e afro-indígena. Certamente, não caberia nesta breve introdução de uma entrevista detalhar a riqueza e a pluralidade das pesquisas acadêmicas em nível de doutorado e as publicações dos últimos 5 anos, mas indicar que seu crescimento se expressa tanto nas publicações e coletâneas, como “Palhaças na Universidade 2: experiências de pesquisa sobre a comichade a partir de perspectivas feministas” (2024), organizada novamente por Wuo e Brum, no ressurgimento de festivais e encontros pós-pandemia de Covid-19 tal é o caso do 2º Sol Rindo - Festival de palhaçaria de Balneário Camboriú, e no crescimento e fortalecimento das redes de mulheres palhaças.

todo o mundo! *Teatro da Mafalda*, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://teatrodamafalda.com.br/eimpa/> . Acesso em: 30 maio 2025.

8 FUCHS, Ana Carolina Müller. *O sorriso da palhaça - Pedagogias do riso e do risível*. 2020. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

9 BRUM, Daiani Cezimbra Severo Rossini. *Reflexões Feministas sobre a palhaçaria com ênfase no contexto hospitalar*. 2021. Tese (Doutorado em Teatro) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

10 WUO, Ana Elvira; BRUM, Daiani Cezimbra Severo Rossini. *Palhaças na Universidade: pesquisas sobre a palhaçaria feita por mulheres e as práticas feministas em âmbitos acadêmicos, artísticos e sociais*. Santa Maria: Editora UFSM, 2021



Chamamos a atenção para o fenômeno dos festivais de palhaçaria feminista porque ele manifesta camadas de um movimento social contemporâneo complexo no qual há diversos ativismos culturais e feministas que nutrem redes locais, estaduais, nacionais e internacionais de mulheres da prática palhacesca (muitas delas advindas da prática e da formação acadêmica nas artes da cena). Os ambientes dos festivais e dos encontros de mulheres palhaças são fundamentais para a troca de saberes e reflexões que englobam tanto aspectos da linguagem palhacesca quanto a profissionalização das participantes. Além disso, debatem-se possíveis caminhos para implementação de políticas de incentivo cultural pensadas a partir de um olhar feminista, bem como os modos de produção e escolhas políticas nas duradorias de festivais.

O momento efervescente deste movimento de mulheres palhaças e das pesquisas acadêmicas atraiu o olhar de Lorena Maria Lopes, que estuda e analisa o que ela chama “humor feminista” na cidade de Córdoba, na Argentina. Em abril de 2025, Maria Brígida de Miranda, que a co-orienta no Brasil, incentivou-a a conhecer o trabalho de Beatriz Costa Alvarez, que estava naquele mês organizando o 2º Sol Rindo - Festival de palhaçaria de Balneário Camboriú. Então, Lorena Maria Lopes e Beatriz Costa Alvarez, viajaram juntas de Florianópolis para Balneário Camboriú naquela mesma semana. Considerando a força feminista pulsante nas redes de mulheres palhaças, era provável que Lorena Maria Lopes encontrasse uma variedade de produções de mulheres artistas que sabem que o humor e a comicidade feministas são armas contra o patriarcado.

Pensar as políticas e as estratégias de curadoria feminista em Santa Catarina, especialmente na cidade de Balneário Camboriú, cidade e estado que se tornaram notórios na mídia pelo alinhamento com o pensamento e com as políticas da extrema direita, é indubitavelmente uma atitude arriscada do “humor feminista” e da resistência palhacesca feminista ao que há de mais retrógrado hoje no Brasil.

2 Sobre a pesquisa de doutorado e o formato da entrevista, por Lorena Maria Lopes (entrevistadora)

Minha pesquisa de doutorado na Argentina e no Brasil investiga os procedimentos do humor feminista na cena teatral contemporânea. A partir da premissa de que o campo do humor foi historicamente dominado pelo privilégio masculino - o que resultou na invisibilização tanto da comicidade quanto da potência política do humor produzido por mulheres e dissidências - busco compreender como se constrói um discurso cênico atravessado pelo feminismo popular e interseccional.

A pesquisa adota uma abordagem socio-semiótica que permite um traçado do humor feminista, analisando suas formas de resistência simbólica e sua capacidade de produzir identidades coletivas no contexto das artes cênicas atuais. O conceito de traçado do humor feminista permite compreender esse campo não como uma totalidade clausurada ou um território fixo, mas como uma construção em movimento, aberta a deslocamentos, transbordamentos e novas inscrições.



O traçado enfatiza o caráter processual, relacional e rizomático dessas práticas. Nessa direção, o humor feminista se constitui como um espaço de invenção crítica, no qual se articulam afetos, corpos e discursos que disputam os regimes normativos de gênero e poder. Nessa chave, pensar o humor feminista como traçado implica reconhecer sua potência de insubordinação epistêmica e política. Rita Segato (2013) adverte que os mapas impostos pelo patriarcado buscam fixar e controlar os corpos em uma ordem de obediência, enquanto as práticas feministas produzem um deslocamento dessas fronteiras, gerando novas gramáticas do sensível.

O humor, quando articulado a partir dessa perspectiva, não apenas subverte o mandato de solenidade do poder, mas também cria fissuras na pedagogia patriarcal da violência. Tal como propõe bell hooks (1994), o ato pedagógico feminista é igualmente um ato de liberdade, um gesto que reconfigura a possibilidade de imaginar mundos alternativos. Assim, o traçado do humor feminista não consiste unicamente em registrar expressões artísticas, mas em lê-las como movimentos insurgentes que deslocam os limites do dizível e do representável, configurando um território em disputa permanente.

O foco analítico recai sobre procedimentos como a autorreferencialidade, o grotesco, a ironia e o riso como ações políticas, em diálogo com contextos locais e experiências situadas. Entende-se o humor como prática performática que parodia o poder, problematiza estereótipos e articula uma crítica feminista a partir do popular e do interseccional. Por fim, reflete-se sobre o humor como ferramenta de transformação cultural, capaz de disputar sentidos hegemônicos, visibilizar corpos e identidades marginalizadas e desnaturalizar normativas sociais, posicionando-se como um gesto político no campo do ativismo artístico.

Realizei a entrevista a seguir cinco dias após o término do 2º Sol Rindo - Festival de palhaçaria de Balneário Camboriú. No domingo, 13 de abril de 2025, convidei Bruna e Monique, integrantes do grupo As Mareadas, para um café da manhã em minha casa, localizada no centro de Florianópolis. Elas estavam passeando pela cidade no pós-festival e aceitaram o convite com carinho. Compartilhamos uma manhã tranquila e afetuosa, em que pudemos conversar, comer frutas frescas e beber água de coco sob o calor suave de um dia ensolarado na ilha.

No início, ambas estavam um pouco nervosas com a ideia da entrevista, mas aos poucos fomos relaxando entre risos e partilhas, criando um espaço de escuta acolhedora e sororidade. Esse momento informal, entre conversas, alimentos e pausas, foi fundamental para sustentar o encontro a partir de uma ética feminista do cuidado - aquela que compreende o tempo, o corpo e a escuta como dimensões políticas da produção de conhecimento e da criação artística.

Após o café, propus a montagem de um pequeno cenário, inspirado em um *set* de TV, para gravar em vídeo a conversa de forma bonita e confortável. Elas aceitaram com entusiasmo e sugeriram que gravássemos próximas à estante da biblioteca, onde os livros à vista ajudariam a compor um fundo simbólico de saberes, memórias e aconchego. Depois, da entrevista fiz a transcrição completa através do programa DaVinci, a fim de tornar acessível a versão escrita da conversa e possibilitar a ampliação dos diálogos a partir desse registro.



Esse encontro, marcado pela intimidade, pelo cuidado e pelo afeto, nos permitiu entrar na entrevista a partir de um lugar de confiança e escuta mútua, honrando os princípios feministas que orientam nosso modo de fazer arte e pesquisa: com o corpo presente, com tempo para o cuidado e com abertura para o encontro. O afeto e a construção de redes reafirmam a potência das nossas metodologias feministas como prática de resistência, criação e partilha. Honramos, assim, o desejo político de fazer pesquisa e arte com tempo, presença e reciprocidade - entendendo que cada gesto, cada escolha e cada cuidado compõem uma prática transformadora diante das estruturas que historicamente nos silenciam.

2.1 Entrevista com Monique Neves e Bruna Pierami, integrantes do grupo de teatro As Mareadas e produtoras do Sol Rindo - Festival de palhaçaria de Balneário Camboriú:

Entrevistadora: Quem são e o que faz a Cia As Mareadas?

Monique Neves: Eu sou Monique Neves, sou a palhaça Sorella da Cia As Mareadas de Balneário Camboriú. Sou professora de teatro, atriz, palhaça e também produtora cultural.

Bruna Pierami: Eu sou Bruna Pierami, da Cia As Mareadas, palhaça Solí. Eu sou produtora cultural, cantora, professora de música e palhaça.

Bruna Pierami: O nosso grupo é bem mesclado em várias linguagens. A gente tem espetáculos com a palhaçaria, que mistura palhaçaria e música, que são os *shows*. Temos o Bailinho das Mareadas, que é um espetáculo de palhaçaria com várias músicas autorais nossas, temos contação de história com as palhaças e também a fazemos a produção cultural de alguns eventos, como o Festival Sol Rindo. Quando conseguimos, fazemos também formações. Trazemos outras palhaças, outros artistas de fora para fazer conexão com os grupos de Balneário e região. Temos, também, essa parte de produção cultural.

Monique Neves: Também exploramos um pouquinho da literatura. Eu tenho um livro, também com as palhaças, que tem a contação de história, escrevo alguns roteiros, já escrevi e também faço direção de alguns espetáculos, tanto no teatro quanto na palhaçaria. Então, a gente mistura um pouquinho de tudo. A minha formação é mais voltada ao teatro, a da Bruna é mais voltada à música e a gente se encontra na palhaçaria.

O testemunho de Monique Das Neves e Bruna Pierami, integrantes do grupo artístico As Mareadas, oferece uma reflexão profunda sobre o papel da arte na transformação social,



especialmente a partir da palhaçaria. O grupo caracteriza-se por uma proposta artística híbrida que entrelaça teatro, música, literatura, narração oral e humor, sempre sob uma perspectiva feminista e inclusiva. Seu trabalho não se limita à criação cênica, mas abarca também a produção cultural, como é o caso do Sol Rindo - Festival de palhaçaria de Balneário Camboriú.

Esse festival surge como uma iniciativa de resistência e afeto em uma região culturalmente carente como Balneário Camboriú, Santa Catarina, Brasil. Ao observar a dificuldade de acesso a propostas artísticas diversas, o grupo decidiu criar um espaço próprio para o intercâmbio entre artistas locais e de outras regiões. Assim, o Sol Rindo torna-se um ato político de ocupação do espaço, descentralização cultural e democratização do acesso à arte.

Um dos eixos centrais do projeto é a resignificação do humor. Para Monique e Bruna, o riso e a comicidade são formas de aliviar a dureza do cotidiano, mas também ferramentas críticas para subverter normas e revelar o humano na imperfeição. O humor, entendido a partir dessa perspectiva, gera identificação e reflexão, permitindo olhar o mundo por outros ângulos e questionar estruturas.

Reflexão de Lorena Maria Lopes: As artistas relatam a tensão constante entre a vontade de explicitar seus posicionamentos políticos e a necessidade de adaptação a contextos conservadores. Bruna afirma: “tenho medo de me sentir vendida”, ao referir-se ao modo mais “leve” com que tratam certas temáticas. Essa negociação entre denúncia e sutileza pode ser lida à luz dos conceitos de “pedagogia do oprimido”¹¹, formulado por Paulo Freire (2005), bem como da “pedagogia engajada” de bell hooks (2013), que destaca a potência epistemológica e transformadora de falar desde as margens, sem necessariamente aderir aos modos de enfrentamento centrais ou institucionalizados.

Dialogando com o conceito de Paulo Freire, hooks amplia o mesmo ao agregar uma perspectiva feminista e antirracista situada na experiência universitária norte-americana. Para hooks (2000), ensinar constitui sempre um ato político e ético que não pode reduzir-se à transmissão de conhecimentos, uma vez que implica em um compromisso afetivo e intelectual com a formação integral dos estudantes. Neste mesmo sentido, a pedagogia de falar a partir “das margens” também questiona a neutralidade do espaço acadêmico, promovendo a horizontalidade das relações na aula e reconhecendo o valor dos saberes produzidos por sujeitos historicamente marginalizados. bell hooks enfatiza a necessidade de um envolvimento do professor, que integra razão, emoção e experiência pessoal, entendendo a educação como prática de liberdade e como ferramenta para desarticulação de sistemas de opressão baseados em raça, gênero, classe e sexualidade (hooks, 2000).

Desta forma, a escolha por uma atuação estratégica, que Bruna chama de “ir pelas beiradas”, remete a uma tática de sobrevivência e resistência em contextos em que uma afronta direta poderia

11 “[...] pedagogia do oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos/de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará” (FREIRE, 2005, p. 34).



significar exclusão. Para poder dialogar com as margens, com a fronteira, recorro ao conceito de Gloria Anzaldúa, em seu ensaio “*Borderlands/Frontera: la nueva mestiza*”, sobre as bordas, no qual define a fronteira como uma linha de separação, uma marca fina que se estende sobre uma borda abrupta. O território fronteiriço configura-se como um espaço impreciso e ambíguo, é um âmbito sempre em movimento, em permanente trânsito e seus habitantes são os proibidos, os expulsos. Ali habitam os corpos atravessados: os desviados da norma, os considerados perversos, os *queer*, os encenqueiros, em suma, aqueles que desafiam essas margens, cruzam ou excedem os limites do que é entendido como normal (ANZALDÚAR, 1987, p. 42). Assim, As Mareadas performam sua crítica de forma indireta, mas não menos potente, tensionando as normas a partir de dentro, desde as margens, desde o fronteiriço.

A criação das obras do grupo emerge de vivências cotidianas, experiências afetivas e inquietações políticas. Monique e Bruna compartilham uma prática artística que une música, teatro e palhaçaria com base em um processo colaborativo, experimental e muitas vezes guiado por provocações externas. Essa forma de produção coletiva também se articula à lógica do cuidado e do afeto como política, como discute Rita Segato (2014) ao enfatizar a importância de uma ética relacional e comunitária na construção de resistências frente à lógica patriarcal e colonial.

A pedagogia da sala de aula também aparece como espaço de criação. Bruna, ao compor músicas a partir de sua prática docente, reconecta a arte com a experiência educacional, aproximando-se da noção de “educação como prática da liberdade”, proposta por hooks (2000). A criação, portanto, não é apenas estética, mas profundamente ética e pedagógica. A professora Bruna descreve sua maneira de interagir com seus alunos como um diálogo aberto, a partir do qual são valorizadas suas experiências e proporcionados intercâmbios, que não somente os divertem, mas, também os provocam a refletir criticamente sobre as normas sociais, as regras de gênero e as dinâmicas de poder.

Ela busca, assim, gerar consciência crítica e empoderamento através da prática coletiva: a construção de um espaço seguro para experimentar, errar e rir de si assemelha-se à ideia de hooks de “transgressão criativa” na qual a liberdade de ensinar e aprender articula-se com a afetividade, a ética do cuidado e a responsabilidade compartilhada. Ao dialogar com seus alunos, partindo desta perspectiva, a artista não só transmite conhecimentos, como também pratica uma forma de educação que desafia hierarquias, desestabiliza normalidades e fomenta a construção de saberes situados e coletivos.

Entrevistadora: Como nasce o Festival Sol Rindo?

Bruna Pierami: Enquanto companhia, nós sempre fizemos, desde o começo, um intercâmbio entre artistas de fora, artistas da região e artistas de Balneário, que é a nossa cidade. Então, os primeiros projetos que submetemos em editais foram de formação, trazendo alguém de



fora. A partir daí, surgiu a ideia do festival, um espaço no qual a gente pudesse fazer conexões entre grupos. Então, essa foi a ideia principal, fazer esse intercâmbio.

Monique Neves: Quando nós conseguíamos ir para outros festivais também, o movimento era muito bacana. Nós víamos o intercâmbio dos grupos, a troca com o público e pensávamos: “queria ter isso na nossa cidade também”, proporcionar pra galera que queira chegar junto, poder compartilhar. Foi a maneira que encontramos de trazer o movimento para perto de nós.

Bruna Pierami: Quando assistimos um espetáculo num festival que gostamos, já pensamos: “esse aí tem de ir para o Sol Rindo”, que seria legal se todo mundo ali da região pudesse assistir também.

Monique Neves: Pensamos, também, em movimentar a cultura nessa região que tem tantos prédios, que tem tantos cimentos e tantos tijolos. Trazer um pouco mais de afeto, de amor, de riso, de olho no olho, de humanidade. Então, o que poderia ser melhor do que um festival de palhaças, palhaças e reunir todo mundo ali na selva de pedra?

Bruna Pierami: Também porque gostamos de uma produção, de um bom desafio, uma correria. E festival é bom pra isso também.

Reflexão de Lorena Maria Lopes: A poética humorística de As Mareadas se constrói a partir do corpo, da experiência vivida e da resistência cotidiana. Como expressam Monique e Bruna, seu trabalho parte das emoções e tensões que habitam seus corpos, o que Judith Butler (1990) conceitua como uma performatividade de gênero que não apenas reproduz normas, mas também pode subvertê-las a partir da repetição crítica. O humor, nesse sentido, transforma-se em uma ferramenta política de desobediência, uma forma de gerar fissuras no discurso dominante por meio do riso.

O uso do humor como estratégia de intervenção social e artística remete também ao conceito de “tecnologias do eu” proposto por Michel Foucault (1988), retomado criticamente por bell hooks (2000) ao falar de práticas de resistência desde a subjetividade. As Mareadas não apenas fazem humor a partir de seus corpos dissidentes, mas o transformam em um espaço de reconfiguração da sensibilidade coletiva. A escolha de trabalhar com o cotidiano, o aparentemente “simples”, articula uma pedagogia encarnada - uma pedagogia feminista - que se alinha com os postulados de bell hooks, para quem o ensino e a arte devem partir da experiência concreta como espaço de transformação.

Além disso, seu processo de criação, atravessado por colaborações horizontais e por uma prática que transcende o individual, encarna um modo de produção afetiva, relacional e situada. Essa lógica dialoga com as propostas de Silvia Federici (2004), que denunciou como a racionalidade



capitalista separou o trabalho reprodutivo e afetivo da produção legítima. A prática artística de As Mareadas ressignifica esse lugar: elas fazem arte a partir da colaboração, do cuidado mútuo e do desejo de construir juntas.

A musicalidade, as composições nascidas nas aulas ou no meio do trabalho cotidiano, e o uso de estímulos externos, como residências com outras artistas, configuram uma poética de trabalho às margens. Nesse ponto, a noção de “fronteira” de Gloria Anzaldúa (1987) é útil para pensar a prática palhaça como uma prática fronteiriça, que habita as zonas cinzentas entre o permitido e o subversivo, o infantil e o adulto, o feminino e o monstruoso, o visível e o silenciado. As Mareadas são, literalmente, corpos mareados por um sistema que não as quer visíveis, mas que elas insistem em encarnar desde o palco, na rua, bem como nas festas conservadoras de Balneário Camboriú.

Entrevistadora: Como foi feita a curadoria do Festival?

Monique Neves: Uma em 2018 e outra agora em 2025. As curadorias foram diferentes. No primeiro festival, a gente selecionou alguns convidados, espetáculos e artistas que a gente gostaria que estivessem conosco.

Bruna Pierami: O segundo, nós abrimos uma seleção. Recebemos 173 inscrições para 9 selecionados. A curadoria foi coletiva entre nós, a outra produtora Bia Alvarez e o outro produtor, o Dayvid Kevitz. O Sol Rindo é um festival misto, contudo nossa escolha é a de que as mulheres estejam em protagonismo. Recebemos inscrições de ótimos espetáculos, muitos mais circenses, ou só palhaços homens em cena. Optamos, como desejávamos, por espetáculos em que mulheres fossem protagonistas.

Monique Neves: Que seguissem alguma linha dramatúrgica também, que a gente preza também por isso. Então, essas características dos espetáculos ajudaram a peneirar essas 173 inscrições que vieram.

Bruna Pierami: Essa temática já foi autofazendo a curadoria, ou seja, espetáculos protagonizados por mulheres e com estruturas dramatúrgicas bem definidas.

Entrevistadora: As Mareadas e o Festival são feministas?



Monique Neves: Eu e a Bruna somos uma dupla de mulheres, só o fato da gente existir já é um ato feminista. Uma dupla de mulheres palhaças fazendo um festival que escolhe espetáculos que tem mulheres como protagonistas e na equipe. Nossa existência, nossas ações já são atos feministas por si só.

Bruna Pierami: Sim, somos. Várias são feministas e o festival também. E a gente tenta deixar isso em evidência. Tanto na escolha dos espetáculos, como falamos e na convivência. Temos, também, por exemplo, a Rede Catarina de Palhaças, sempre levamos, também, pelo menos uma ação da Rede para ter esse lugar de fala durante o festival.

Monique Neves: E os próprios temas que são levantados. Nas rodas de conversa, nos espetáculos, nas ações, trazem essas reflexões feministas durante o festival e também durante os nossos trabalhos como companhia, como dupla. As Mareadas são feministas e o festival também.

Bruna Pierami: Teve uma situação engraçada, conversando com um amigo nosso, ele perguntou se íamos nos inscrever em um festival super tradicional que estava com inscrições abertas. Respondemos assim: “Ah, neste aí só passa homem”. É a verdade, só passa homem. E aí ele falou: “Ah, e no Sol Rindo só passa mulher”. A gente falou: “Sim! Só passa mulher”.

Monique Neves: Essa é a ideia.

Bruna Pierami: Nós até trazemos homens também, na nossa cabeça isso faz super sentido.

Monique Neves: Os homens podem participar também na equipe e tudo mais, mas a gente preza pelo protagonismo feminino nos espetáculos.

Bruna Pierami: O próprio público também percebe essa transformação. Não apenas no festival, mas igualmente em nossas apresentações. Muitas vezes estamos caracterizadas como uma figura feminina - a nossa *persona* palhaça possui uma estética marcadamente feminina. Em algumas ocasiões, ao nos apresentarmos em determinados espaços, notamos que, de alguns anos para cá, isso tem se modificado: o público já nos nomeia e se refere a nós de maneira diferente. Seguimos insistindo nesse ponto, de forma gradual, e não apenas a partir de uma perspectiva feminista, pois também contamos com a presença de uma pessoa trans, que se afirma como transfeminista. Assim, vamos abrangendo e integrando diferentes dimensões identitárias e políticas em nossa prática artística.



Monique Neves: E o festival Sol Rindo também acolhe tanto mulheres quanto pessoas trans, que estão nos espetáculos e também estão levando as suas mensagens. Inclusive, tivemos *haters* nesse festival, do público mesmo, de algumas pessoas. A grande maioria amou todo o festival, mas alguns que se incomodaram foram lá no *Instagram* falar disso, falar lá. Isso é positivo, que a gente está alcançando esse incômodo, essa reflexão, para as pessoas que precisam refletir mesmo sobre isso.

Bruna Pierami: A pessoa me perguntou, para que misturar as coisas? Para que misturar a palhaçaria com isso? Porque sim!

Monique Neves: É misturado, porque faz parte. E todos têm o direito de falar o que vivem, o que são. Enfim, a gente tem essa liberdade E o Sol Rindo traz também todos esses gêneros juntos, abraçando o que é a arte da palhaçaria.

Bruna Pierami: “como é que eu vou explicar pro meu filho a palavra hétero?”, ouvi essa pergunta de um homem durante um espetáculo e quase que falei: “amigo, existem héteros no mundo”, mas aí eu pensei: “Ele, vai entender, mas já saquei que não era isso”. E, de volta, ele: “Ah, e homens cis e trans. E, aí, pra que misturar? Pra que ficar misturando? Aí, pra que ficar misturando a palhaçaria, a palhaçada e essas coisas?”. Eu respondi: “porque palhaçaria é isso, a pessoa fala o que tiver que falar”.

Monique Neves: Ele estava incomodado. Nas redes sociais, ele fez o mesmo comentário, não foi tão incisivo na questão de gênero. Mas ele falou assim: “Vocês são contra o capitalismo, mas pedem pix no final do espetáculo”. E era uma contribuição? Claro! Era uma contribuição espontânea que a gente pediu.

Entrevistadora: Como a política opera no discurso do palhaço?

Monique Neves: O discurso político do palhaço é a nossa existência, ali já é um discurso político. O nosso corpo já é um discurso. Nós, como um casal, é um discurso político. Quem nos vê, vê ali no palco, já somos um evento. Ocupar os espaços. Ocupamos o espaço de uma maneira diferente, que sai do padrão. Ainda mais numa cidade que é toda padrão conservadora: mulheres com seus corpos padrões. Então, quando a gente sobe num palco, numa festa da cidade, duas mulheres adultas, de palhaça, isso já é um discurso político. E, depois, quando também as pessoas descobrem: “Ah, vocês são um casal!”. Então, isso é mais um discurso. A gente se coloca mesmo, assim, nessa posição e fala o que tem que falar. Então, é político! A gente vai lá.



Bruna Pierami: Tem a ver com essa pergunta, em Balneário, a gente, para poder existir, vai pelas beiradas. É uma discussão que a gente tem quando tem encontro da Rede. Isso que nós falamos, de que a gente traz alguns assuntos, só que de um jeito mais leve. Às vezes eu falo assim: “nossa, Monique, eu tenho medo, de me sentir vendida, sabe?”. De não falar, de não bater e tal. Só que ao mesmo tempo é o jeito que encontramos de ocupar o espaço em Balneário e região e existir ali. Daqui a pouco conseguimos trazer outras coisas. Porque nós sabemos que se batermos muito de frente, perdemos o espaço.

Monique Neves: E outras pessoas vão ocupar esse espaço que a gente tinha. É uma forma de irmos, estrategicamente, lidando com essas questões de maneira sutil, para poder, pontualmente, trazer à tona.

Bruna Pierami: Às vezes, temos crises, pensando que está sutil demais. Há um tempo atrás que teve alguns problemas, alguns assuntos esquisitos. Então um cara falou assim: “ah, mas vocês não têm problema porque não brigam muito, não falam muito sobre o assunto”. Eu pensei: “meu Deus!”. Mas entendemos que, por enquanto, é o jeito de estarmos ali, incomodando, estar ali presente. Esta é uma temática que estamos sempre pensando, de não ficar muito sutil, mas a gente sabe também que se bater muito, daí a gente perde espaço.

Monique Neves: Não que as lutas mais diretas não sejam válidas, tem toda a legalidade e são necessárias. Quem levanta a bandeira e vai à luta, isso é necessário, mas também, ter esse outro lado, de conseguir estar em espaços que talvez diretamente não conseguiríamos se não formasse toda uma estratégia para estar lá. São movimentos diferentes, políticos, mas os dois são necessários para a gente estar ocupando e militando e conquistando mais espaços e assim por diante.

Entrevistadora: Qual é a forma de produção de vocês?

Monique Neves: A nossa forma de produção, primeiro, vai daquilo que nós desejamos, enquanto artistas e enquanto grupo, comunicar com o público. Geralmente, a Bruna cuida mais da parte musical das nossas obras e eu mais da parte teatral. Discutimos o que vamos criar de novo e às vezes fazemos algumas provocações ou buscamos algumas provocações de outros artistas para dar aquele *start* na nossa concepção, na nossa obra. Certa vez fizemos um projeto com a Lu Lopes, que é a Palhaça Rubra lá de São Paulo. Aprovamos um projeto de residência artística em lei de incentivo à cultura, no qual trouxemos ela para Balneário Camboriú. Ficamos uma semana em sala de ensaio com ela, pesquisando, sendo estimuladas por ela em nosso fazer crítico e criativo. Dentro desse processo, praticamente fizemos o esqueleto de um espetáculo teatral em uma semana. Então,



às vezes, buscamos esses *starts*, por meio de incentivo de outros artistas ou de obras para que a gente possa formular os nossos espetáculos, os nossos *shows*. Também, como somos professoras, nas aulas surgem muitas coisas. A Bruna dá aula de música e musicalização e ela fez, já compôs, várias músicas que fazem parte do nosso *show* infantil. A maioria são composições da Bruna, que através dessa prática de sala de aula vai criando essa maturidade, esse gancho para construir as obras. E é isso, essas vivências nossas e também, às vezes, por encomenda: “você têm um espetáculo sobre a água?”. “Temos, temos!”. E nessa urgência, se cria também.

Bruna Pierami: às vezes eu fecho o trabalho de coisas que a gente não tem, aí eu falo pra Monique escreve uma *sketch* sobre isso, já tá fechado agora, mas os trabalhos principais que são os espetáculos, sempre tentamos ter alguém de fora junto, porque é aquilo: “duas cabeças malucas!”. Então, tentamos sempre ter alguém junto pra fazer essa mediação, esse norte.

Entrevistadora: Vocês, palhaços, dialogam nas margens? É “fronteira?”

Monique Neves: Em relação ao preconceito, nós somos um casal. Mas a gente sente muito mais preconceito por sermos dois corpos gordos do que propriamente um casal de mulheres. Quanto às margens, falamos a nossa fala às margens. Nós, como um casal de mulheres palhaças, em relação ao preconceito social que a gente sente das pessoas, nós sentimos muito mais forte um preconceito de gordofobia pelos nossos corpos, das duas palhaças, do que propriamente por conta de nós sermos um casal homoafetivo. Então, essa nossa oportunidade de levar esses dois corpos para um palco, para as praças, e trazer espetáculos, e fazer arte através desses corpos, ressignifica muita coisa e traz outros olhares. Então, a arte e a palhaçaria vem como essa oportunidade de trazer esse novo olhar para os nossos corpos, para os corpos gordos, para os homoafetivos, enfim, e toda essa diversidade que a gente tem, e falar, sim, as margens, falar para esse corpo, turbilhão de pessoas que também existem e que precisam de voz.

Entrevistadora: Quais são os procedimentos do humor na poética palhaça “das Mareadas”? Como a política opera no discurso do palhaço?

Bruna Pierami: É o que estamos o tempo todo conversando como grupo. Como trabalhar, como abordar. Esses encontros, de festival, oficinas e tudo mais, esses encontros com outros artistas, faz a gente olhar para o próprio trabalho também. E pensar: “Será que eu estou mesmo falando com quem eu quero ou expressando?”. Então, é uma coisa difícil, assim, como grupo, como escolha de tema, de espetáculo, ou de algo que a gente queira falar. De que forma abordar isso também. É algo que nós, enquanto grupo, às vezes, acho que mais eu, não sei como é para a Monique, mas eu entro em crise, às vezes, de pensar que o nosso trabalho está muito superficial. Eu penso: “e daqui a pouco,



será que a gente entra mais fundo?”. Então essa temática é que fica girando nos trabalhos que a gente quer. Acredito que a gente ainda não tenha um trabalho, um espetáculo que seja tão potente nisso. É uma questão enquanto dupla, enquanto grupo, estamos sempre nos perguntando: “onde é que a gente quer levar esse trabalho? O que queremos falar?”

Bruna Pierami: Os trabalhos que mais vendem são infantil, então ficar na especialidade é muito fácil. Então é esse jogo, o tempo todo, porque, principalmente, que a gente trabalha com música e trabalho infantil, quando nos damos conta, tá, rolando já e pensamos: “opa, não, peraí, segura um pouco!”. Algumas vezes, até sobre fechar alguns trabalhos, a gente já repensa algumas coisas. Então, é mais ou menos nesse sentido. É difícil.

Reflexão de Lorena Maria Lopes: Quando Monique afirma que o maior preconceito que enfrentam não é por serem um casal lésbico, mas por seus corpos gordos, torna-se evidente a urgência de uma análise interseccional.

A gordofobia apresenta-se como uma tecnologia de controle do corpo que se cruza com o sexismo e a lesbofobia, configurando um campo de violência simbólica que o humor palhaço tenta desativar. Rita Segato (2016) nos alerta que o corpo das mulheres se torna campo de disputa nas guerras de poder; para As Mareadas, esse corpo em cena é campo de reescrita. O político não está no discurso explícito, mas na ocupação do espaço por esses corpos abjetos, no sentido que Butler (1993) dá ao termo: corpos que não cumprem a norma e que, por isso, expõem a sua arbitrariedade.

A cena palhaça, portanto, transforma-se em um laboratório no qual se ensaiam outras formas de habitar o corpo e o mundo. A marginalidade deixa de ser um lugar de exclusão para se tornar uma tática, um método. Como sugere Preciado (2019), trata-se de habitar uma “desobediência ontológica”, uma insubordinação do ser. As Mareadas não pedem permissão: riem, dançam, cantam e se apaixonam no palco. Levam ao palco uma estética do excessivo, do desajeitado, do inadequado, desestabilizando assim a economia estética neoliberal que premia o controle, a eficiência e a magreza.

Entrevistadora: A Rede Catarinense de Palhaças?

Monique Neves: Bem, sobre a Rede Catarina de Palhaças, é uma rede, é um coletivo de mulheres palhaças de Santa Catarina que resolveram se reunir para fortalecer a nossa arte, o nosso fazer artístico, essa linguagem da palhaçaria feita por mulheres. É lindo, é muito afetuoso, porque como a gente brinca, funciona. A gente se ama mesmo, são palhaças que têm uma troca de afeto. Nessas ações, a gente diz que é uma desculpa para a gente estar juntas. A gente arruma essa desculpa para estar juntas.



Bruna Pierami: Teve a Mostra da Rede Catarina de Palhaças, já teve encontros, já teve residência artística, já teve rodas de conversas, porque individualmente, cada grupo ou cada palhaça tem o seu trabalho e dentro disso, as suas produções. E a gente tenta sempre colocar alguma ação, como, por exemplo, a gente realizou agora o Sol Rindo, que é o nosso festival de palhaçaria, porém, dentro dessa nossa produção, a gente colocou a ação da roda de conversa da Rede Catarina de Palhaças. Então, foi uma rede lançada em 2017, 2018, e funciona até hoje, porque só vem crescendo, agregando.

Monique Neves: Tem cidades que são mais longe. Então, é um jeito de estar mais próximo, de se ajudar, até em partes burocráticas. Para falar: “saiu o edital tal!” e aí o documento, a burocracia, uma ajuda a outra. Então, isso fortalece também economicamente. Eu quero mandar um projeto para circular no oeste [do estado de Santa Catarina], então, chamo uma produtora lá.

Bruna Pierami: Uma palhaça dirige o outro grupo de outra cidade, ou faz a produção local. Então, é uma rede de conexão, o *network* ali também!

Monique Neves: A gente também sempre tenta estar juntas para fazer bobagens. Assim, tipo: cantar num *karaokê*, né? Então, é uma rede muito interessante. E como a gente sempre fala nas reuniões: Não tem uma diretoria. Não tem, este ano, palhaço de tal lugar, que vai... Não, cada uma vai fazendo a sua ação, a gente propôs ali a roda de conversa. Então, quem pôde ir, foi. A gente tenta se ajudar também, quando dá financeiramente para fazer esses encontros. Então, é isso. A gente tá ali, todo mundo junto. É juntar potência para criar um *boom*. É porque, olha, o povo é potente. O povo é potente. É, as palhaças são poderosas. É isso!

Reflexão de Lorena Maria Lopes: A experiência da Rede Catarinense de Palhaças demonstra como redes de afeto, horizontalidade e colaboração são também formas políticas de produção cultural. Essa rede, segundo relato de Monique e Bruna, funciona sem hierarquias rígidas, com ações descentralizadas e coordenações espontâneas, o que se alinha com os princípios de uma ética do cuidado e do prazer coletivo.

Aqui ressoa o pensamento de María Galindo (2014), que insiste que a arte feminista deve desobedecer às estruturas patriarcais do poder, inclusive dentro do próprio campo artístico. A rede não é apenas um espaço de produção: é um lugar para “fazer bobagens juntas”, cantar karaokê, acompanharem-se na burocracia ou simplesmente estar. Essa é também uma forma de fazer política: uma política do gozo, do tempo compartilhado, da comunidade.

Entrevistadora: Quais são os procedimentos do humor na poética palhaça “das mareadas”?



Bruna Pierami: O primeiro espetáculo que a gente tem, que é o *Avoando e Cantando Seguindo o Coração*, a gente queria fazer um espetáculo com música, só que estávamos num momento de trabalho muito louco, enlouquecidas, *workaholic*, assim, e então o espetáculo saiu disso, são duas palhaças num escritório trabalhando loucamente, fazendo as *gags*. O humor sai um pouco do nosso estado, da rotina, do nosso espírito, então, a gente tem bastante isso, assim, também, de usar esse... questões que estão rolando com a gente, a gente transforma em humor. E aí joga isso pro espetáculo.

Monique Neves: Uma coisa que me inspira bastante nos meus textos, no meu próprio desejo de fazer, é o mar. Até por isso, As Mareadas vêm do mar. Então, acho que é uma coisa que me inspira. As tontas, né? Essa coisa de ser tonto, mas essa... Enfim, essa energia transformadora do oceano que não tem explicação, pra mim é a mesma coisa que a palhaçaria. É uma força transformadora que não tem explicação. Então é o que me inspira para essas obras das Mareadas, até que venha esse nome.

O humor é exatamente a transformação que a gente estava falando. É essa leveza, esse equilíbrio. E aí, quando eu falo do mar com a palhaçaria, vem sim a inspiração para que cenas de humor e palavras de humor e construções de humor apareçam, né?

Eu tenho experiência teatral, a Bruna, musical, e eu acho que esses são os dois eixos para as nossas produções, são as nossas inspirações, então a gente vai... São espetáculos bem diferentes um do outro, então os processos foram bem diferentes, mas às vezes foram a partir das composições da Bruna, da musicalidade que ela traz, que a gente constrói, e às vezes, através dos meus textos, das minhas escritas, que a gente constrói o espetáculo e aí insere a música. Depois o público quando vem, né, conversar com a gente, fazer essa troca, eles falam, eu me vi ali, é assim que acontece comigo, eu também sou assim, então essa identificação, né, porque a gente traz questões do nosso cotidiano, mas que as pessoas também vivem, então é muito bacana também esse olhar.

Bruna Pierami: Essa coisa do mar mesmo, a Monique tem um livro, um livro que não é nosso. Vamos fazer uma contação sobre esse livro, vai ser muito legal. Aí a gente entra em cena, a gente entra no processo criativo e não faz nada. A própria Lu Lopes, quando a gente veio, a gente deu um tema para ela, a gente falou que quer trabalhar nesse tema relacionado ao mar. Na primeira vivência que a gente fez com ela... nada a ver. Aí saíram as freiras. As freiras. Não tem nada a ver com o mar. É, eu me inspiro no mar, mas como eu falei, as minhas freiras são minhas. Só pro nome. Só pro nome e pra mim. Porque pro grupo, a gente não tem um espetáculo do mar. Nada. Só tem música, talvez. Nem música. Música tem. Enfim. Mas espetáculo mesmo, sobre o mar, não tem.

Reflexão de Lorena Maria Lopes: O feminismo atravessa de forma explícita a identidade de As Mareadas e a curadoria do festival. Embora não seja exclusivo para mulheres,



o Sol Rindo prioriza o protagonismo feminino e trans no palco. Essa decisão, mais do que uma imposição ideológica, é uma resposta à desigualdade estrutural no campo das artes, onde predominam figuras masculinas. As criadoras reconhecem sua existência artística como um ato feminista: ser duas mulheres palhaças adultas, lésbicas e visíveis em um ambiente conservador é, em si, um posicionamento político.

Além disso, o grupo manifesta uma consciência estratégica sobre como abordar temas políticos. Embora assumam um discurso comprometido com a diversidade, inclusão e justiça social, também reconhecem que, em contextos conservadores, é necessário modular a forma de expressão para não perder os espaços conquistados. Essa tensão entre o explícito e o sutil faz parte de sua militância cotidiana.

A partir dos relatos e reflexões de Bruna e Monique, é possível perceber como o fazer artístico da palhaçaria se entrelaça profundamente com práticas políticas cotidianas, ainda que nem sempre assumam um discurso panfletário ou combativo de forma direta. Como elas mesmas afirmam, a própria existência do grupo, composto por duas mulheres, um casal lésbico, com corpos fora dos padrões normativos, já é, por si só, uma intervenção política nos espaços que ocupam.

Quando sobem em um palco, em uma cidade conservadora como Balneário Camboriú, desafiam visualmente e simbolicamente os códigos dominantes de gênero, corpo e comportamento. Nesse sentido, o discurso político das palhaças não se limita ao conteúdo explícito de suas falas ou encenações, mas atravessa também a corporeidade, a presença, e os modos sutis de ocupação dos espaços públicos e institucionais.

Há, como elas reconhecem, uma estratégia cuidadosa em sua atuação: “a gente vai pelas beiradas”, afirma Bruna, revelando a consciência do risco de exclusão caso adotem posturas mais frontais ou provocativas em determinados contextos. A “sutileza”, nesse caso, não é sinônimo de neutralidade, mas uma forma de resistência adaptativa, uma maneira de “estar ali incomodando e estar presente”, como coloca Monique.

Essa dimensão política é ainda mais evidente quando se pensa na atuação do grupo em relação à gordofobia e à representação dos corpos dissidentes. Ao se colocarem no palco com seus corpos gordos e afirmar suas vivências lésbicas, Monique e Bruna desestabilizam a normatividade estética e heterocentrada, propondo uma poética palhaça enraizada nas margens. Como diz Monique, “a arte e a palhaçaria vêm como essa oportunidade de trazer esse novo olhar para os nossos corpos”. A palhaçaria, nesse contexto, funciona como linguagem de reapropriação subjetiva e social, tornando-se espaço de disputa simbólica.

No campo da produção artística, As Mareadas constroem seus espetáculos a partir de experiências pessoais, do cotidiano e de provocações de outros artistas. O trabalho com Lu Lopes, a Palhaça Rubra, é um exemplo de como a colaboração externa pode impulsionar processos criativos potentes. A musicalidade de Bruna e a experiência teatral de Monique se articulam em criações que emergem tanto de contextos planejados quanto de urgências práticas - como a encomenda de



um espetáculo sobre a água. Essa produção híbrida entre o improviso, a inspiração e o trabalho colaborativo traduz-se em uma poética plural, fluida, tal como o mar que inspira Monique. Além disso, o humor é operado como ferramenta crítica, mas também como forma de mediação afetiva.

Os espetáculos não necessariamente carregam uma mensagem política explícita, mas abordam temas relevantes a partir de uma linguagem acessível e emocionalmente envolvente: “transformamos nossas crises, nosso cotidiano, em humor”, explicam. Esse processo de transfiguração da experiência pessoal em cena gera identificação no público, criando pontes entre o íntimo e o coletivo. A comicidade, nesse caso, não anula a crítica, mas a reformula em outros registros sensíveis.

Por fim, a atuação em rede, como exemplifica a Rede Catarina de Palhaças, revela a importância dos laços afetivos e organizativos entre artistas que compartilham uma visão de mundo e de arte. A horizontalidade, a ausência de hierarquia formal e o desejo de estar juntas como forma de potência coletiva tornam essa rede um modelo político em si. Produzir juntas, rir juntas, compartilhar burocracias e estratégias: tudo isso é parte de um fazer palhaço que é, simultaneamente, poético e político. Dessa forma, a experiência do grupo As Mareadas nos convida a repensar os modos como o discurso político pode ser encarnado na arte - não apenas pelo conteúdo, mas pelo modo de estar no mundo, pelas relações que se constroem, e pelas margens que se ocupam com coragem e criatividade.



Referências

- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.
- BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: on the discursive limits of "sex"*. New York: Routledge, 1993.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FEDERICI, Silvia. *Reencantando o mundo: o feminismo e a política dos comuns*. São Paulo: Elefante, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *Tecnologias do eu e outros textos*. Organização e tradução de Lucia Helena Assis Telles e Edmundo Cordeiro. São Paulo: Graal, 1988.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GALINDO, María. *Feminismo bastardo*. La Paz: Mujeres Creando, 2014.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- hooks, bell. *Feminism is for everybody: passionate politics*. Cambridge: South End Press, 2000.
- LORDE, Audre. *I am your sister: collected and unpublished writings of Audre Lorde*. New York: Oxford University Press, 2009.
- PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Tradução de Ana Rôla. São Paulo: n-1 Edições, 2019.
- SEGATO, Rita Laura. *La guerra contra las mujeres*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.
- SEGATO, Rita Laura. *Las estructuras elementales de la violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2014.
- WUO, Elvira; BRUM, Daiani. *Palhaças na universidade 2: experiências de pesquisa sobre a comicidade a partir de perspectivas feministas*. Santa Maria: UFSM, 2024.



Biografia acadêmica

Lorena Maria Lopes - Universidad Nacional de Córdoba (UNC)

Doutoranda na Facultad de Artes de Universidad Nacional de Córdoba, Córdoba, Argentina. Bolsista do Programa Move La America (CAPES) no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

E-mail: lopeslorenita@gmail.com

Beatriz Costa Alvarez - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Mestranda em Artes Cênicas do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Bolsista de Pesquisa CAPES.

E-mail: biaalvarez.producoes@gmail.com

Maria Brígida de Miranda - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Professora Titular do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Coordenadora da Pesquisa Curarte - práticas cênicas para o bem-viver, estudos de gênero e feminismos nas artes da cena (CNPq e UDESC).

E-mail: maria.miranda@udesc.br

Financiamento

CAPES e CNPq

Aprovação em comitê de ética

Não se aplica

Conflito de interesse

Nenhum conflito de interesse declarado

Contexto da pesquisa

O artigo é originado de pesquisa em andamento, ainda não publicada, realizada pela doutoranda Lorena Maria Lopes no contexto do Programa MOVE La America da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Ministério da Educação do Brasil.

Direitos autorais

Lorena Maria Lopes, Beatriz Costa Alvarez e Maria Brígida de Miranda

Contribuição de autoria (CRediT)

Lorena Maria Lopes: supervisão, administração de projetos, conceituação, investigação, escrita - original, revisão e edição.

Beatriz Costa Alvarez: conceituação, investigação, escrita - original, revisão e edição;

Maria Brígida de Miranda: conceituação, investigação, escrita - original, revisão e edição;

Licenciamento

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br>.



Modalidade de avaliação

Avaliação Duplo Cego

Editores responsáveis

Rita Gusmão

Mariana Azevedo

Marcelo Cordeiro

Histórico de avaliação

Data de submissão: 30 maio 2025

Data de aprovação: 22 set. 2025